



Lisboa 1943 — Fernando Matos, no auge da sua carreira, quando ganhava sucessivos combates no «Ringue». Sem o saber ia-os perdendo no quotidiano da vida. Canelas Júnior a seu lado ostentando o emblema do Ferroviário

Gangsterismo nos bastidores DO MUNDO DO BOXE

"Sobreviventes" com tam páginas gloriosas e dramáticas das suas vidas dentro e fora dos ringues

É precisamente do ex-pugilista Fernando Matos, um dos «sobreviventes» daquela época, de que hoje vamos falar. Ele foi, também, um dos primeiros a regressar a Moçambique, explorado, desiludido... e mais pobre.

Na sequência deste trabalho não podemos desassociar os nomes de outros pugilistas que participaram nesta «aventura», numa tentativa de aprofundar mais os meandros deste obscuro episódio da história dos «boxeurs» moçambicanos na sua digressão pela Europa. São eles: Justino Rodrigues, ex-leve, hoje funcionário dos CFM-Sul e Luís Eugénio (Xangai) também ex-leve, dois outros «sobreviventes» dessa época.



«Xangai» 1982: «56 um adversário conseguiu derrubar este «boxeur» Canelas Júnior

O boxe, em Moçambique, foi uma das modalidades desportivas que mais se popularizou e conquistou numerosos adeptos e praticantes, principalmente entre os jovens da capital e, por-se mesmo dizer, teve a sua época de ouro, na década 40.

Nesse tempo, a notável classe demonstrada pelos nossos pugilistas ganhou tal fama, que transpôs fronteiras, projectando-os até à Europa, onde pisaram, nomeadamente, os ringues de boxe das principais capitais da Península Ibérica.

Não se deve esquecer que, de todas as Colónias do Império Colonial Português, Moçambique foi a única Colónia que forneceu a Portugal notáveis «boxeurs», alguns dos quais se tornaram famosos e conquistaram merecidamente o título de campeões.

No final da década de 30, o Clube Ferroviário, para além do futebol, natação, hóquei em patins e basquetebol, mantinha também uma secção de boxe, cujo orientador era Manuel Canelas Júnior, um obscuro funcionário dos Caminhos de Ferro, que, mais tarde veio a tornar-se num dos mais controversos «managers» daquela época.

Eram muitos, cerca de trinta, os jovens candidatos a «boxeurs» que, todas as tardes,

ganizados pelo clube e em que já se panteava a habilidade nata nalguns desses praticantes.

E, pouco a pouco, na mente do C. Júnior, o orientador de boxe do Ferroviário, começou a germinar a ideia de que aqueles habilidosos praticantes da «Nobre Arte», poderiam constituir um caudal de avultadas receitas se as coisas fossem bem encaminhadas, em termos de exploração comercial.

Na realidade, a certa altura, Canelas Júnior, selecciona um grupo dos seus melhores pupilos e parte para Portugal a preparar contratos, condições de treino e alojamento, etc., com os promotores de boxe lisboetas.

Assim, Canelas Júnior tornou-se mais tarde no «manager» dos pugilistas moçambicanos (ingênuos e inexperientes em matéria do «gangsterismo» que se praticava nos bastidores do boxe.

O grupo de «boxeurs» seleccionado era constituído por: Beny Levy (o primeiro a tornar-se campeão) Carlos Wilson (que teve de requerer alvará de assilação para seguir) Luís Eugénio (Xangai) e Fernando Matos.

Infelizmente, Fernando Matos já não se encontra em condições de nos recordar a sua história e os emocionantes combates travados ao longo da sua carreira de «boxeur» profissional, no quadrado dos ringues que pisou, e onde, seguindo a grã do boxe, fez adversários muito mais poderosos «beijar o tapete».

FALA JUSTINO RODRIGUES

Assim, procuramos Justino Rodrigues que começou por dizer que, quando o primeiro grupo chegou a Lisboa — Beny Levy, Carlos Wilson, Xangai e Fernando Matos — já lá se encontrava Jorge Larsen, também moçambicano, que para lá havia ido como futebo-

lista. Larsen também tinha praticado pugilismo, e, com a chegada dos seus conterrâneos abandonou o futebol e juntou-se ao grupo de «boxeurs» moçambicanos.

A imprensa desportiva desse tempo é testemunho do impacto que os moçambicanos causaram no público lisboeta, logo nos primeiros combates realizados contra pugilistas portugueses e espanhóis.

Em Lisboa, as arenas desportivas, tanto a do Campo Pequeno como a do Parque Mayer transbordavam, provocando enchentes de espectadores ávidos de presenciarem a actuação dos «pugilistas da colónia».

O próprio Canelas Júnior, surpreendido com a grande afluência do público às sessões, descobre o grande «furo» do boxe para arrecadar lucros, transforma-se em empresário e começa a organizar febrilmente combates por conta própria, esquecendo o Ferroviário e utilizando os pugilistas como mercadoria para enriquecer.

INICIO DA CRISE

Entretanto, começaram a surgir as primeiras divergências entre Canelas Júnior e os «boxeurs». Fernando Matos e Carlos Wilson exigem um contrato e aí, Canelas Júnior «perde a cabeça» e faz regressar imediatamente os dois «atrevidos» pugilistas moçambicanos. Os jornais da época criticam o procedimento do empresário mas ele atribui o regresso dos dois moçambicanos ao não «cumprimento do estabelecido» e procura também justificar-se com o que se dizia em certos meios reaccionários da época: de que era «perigoso trazer pretos para Portugal».

Entretanto, Beny Levy, Xangai e Larsen continuam em Lisboa ainda presos a Canelas Júnior.

Justino Rodrigues recorda que, Wilson e Matos, já em Moçambique são contratados por uma empresa organizadora de touradas e sessões de boxe (TOBOX) e regressam a Portugal, mas desta vez acompanhados por outro grupo de jovens pugilistas que também fizeram sucesso: Manuel Braga, Jorge Tafai (já falecido) sobrinho de Matos, Carlos Gomes, Justino Rodrigues e Júlio Neves (Julinho).

Justino Rodrigues acrescenta:



Maputo, 1982 — 39 anos depois, Matos no seu casebre na Majalala, simboliza a exploração do homem pelo homem, nas sociedades em que o boxe é também um produto de consumo



Justino Rodrigues: «Hoje é uma pena olhar para este homem. Só quem o conheceu pode avaliar...»

ainda de Matos continua o seu relato: «Hoje é uma pena olhar para este homem. Só quem o conheceu pode avaliar. Lembra-me dos tempos em que, depois dos combates, ele era convidado pelos seus admiradores, para homenageá-lo pela sua coragem e combatividade frente a adversários mais poderosos».

A imprensa desportiva da época deu grande destaque às actuações de Fernando Matos, considerando-o um dos mais valerosos pugilistas que pisaram os ringues da Península Ibérica.

E J. Rodrigues continua: — «Fernando Matos, no regresso definitivo a Moçambique, começa a ressentir-se dos duros combates efectuados ao longo dos anos de profissionalismo. O boxe parece provocar lesões na zona cerebral.

Alguns pugilistas retiram-se a tempo de evitar essas perturbações. Outros ficam abalados para o resto da vida. Há um grande número deles por esse mundo nas condições de Matos».

«Nas sociedades capitalistas o pugilista é meramente utilizado como uma máquina para enriquecer os «managers» e os empresários».

NA AFRICA DO SUL

Não termina aqui o drama de F. Matos. De novo em Moçambique, já quase no início

Grande Sessão de Boxe

Sábado, 20 de Fevereiro de 1943 (às 21 horas)

NO CAMPO DO FERROVIÁRIO

PROGRAMA
TRÊS GRANDIOSOS COMBATES DE BOXE

entre pugilistas amadores

Justino Rodrigues contra Messias Moniz

6 rounds de 2 minutos cada

Manuel Braga contra Arnaldo Ferreira

4 rounds de 2 minutos cada

GEORGE TAFAI contra JÚLIO NEVES

4 rounds de 2 minutos cada

Uma exibição entre os pugilistas

CARLOS WILSON contra FERNANDO MATOS

Campeão de Portugal dos amadores (de Portugal dos médios)

9 bons combates entre amadores da sala do Ferroviário

ERNESTO TORRE DO VAL contra M. MAHOMED BEY

ALVARO A. FORNAZINI contra KID MOSQUITO

ROMEO RODRIGUES contra AMADE SULEMANY

QUANBA FRANCISCO contra WILSON JÚNIOR

MANUEL OLIVEIRA contra JOAQUIM FERREIRA

JOÃO JEREMIAS contra JOSÉ A. GARLFIN

ERNESTO T. MACUACU contra M. BARBOSA

BENJAMIM LOPES SILVA contra MAHOMED ISMAEL

ALVARO DA CUNHA contra HENRIQUE SANTOS

Os dois primeiros combates são de 3 rounds de 2 minutos e os restantes de 4 rounds de 5 minutos, cada

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisível

Preços populares

Cadeira de ringue	1500
Bandada lateral	1000
Indígenas	500
Indígenas	250
Indígenas	250

Cartaz da época onde se pode ver uma série de nomes de pugilistas amadores. No canto esquerdo, onde se lê «Preços Populares» patenteia-se a estratificação social colonial



Outubro de 1943 — Em Agualva-Cacém, cidade dormitório a 20 km de Lisboa. Aqui estagiavam os «boxeurs» moçambicanos. Vemos na foto, da esquerda para direita, Carlos Gomes, Fernando Matos, Júlio Neves e Justino Rodrigues



JUSTINO RODRIGUES (10 milhar para foto)



MESSIAS MONIZ (10 milhar para foto)



Lisboa, Av. da Liberdade, 1942 — Um ameno passeio junto às esplanadas: Da esquerda para direita: «Xangai», Matos, Wilson, Jorge, Tafoi e Larsen

de 1950, Matos ainda tenta combater. É Xangai que conta: — «Ele já não estava na sua melhor forma mas queria continuar a ganhar o seu sustento, combatendo. O boxe, aqui, já não tinha público e raramente se organizavam sessões de pugilismo. Então, de repente ouvi dizer que ele tinha ido para Durban. Daqui para diante quem pode contar o que se passou é o Tajú Ambasse».

Tajú Ambasse foi também pugilista nessa época mas nunca saiu daqui e praticou sempre boxe como amador. Procuramo-lo na sua antiga casa da Av. de Angola e falamos de Matos.

TAJÚ AMBASSE RELEMBRA

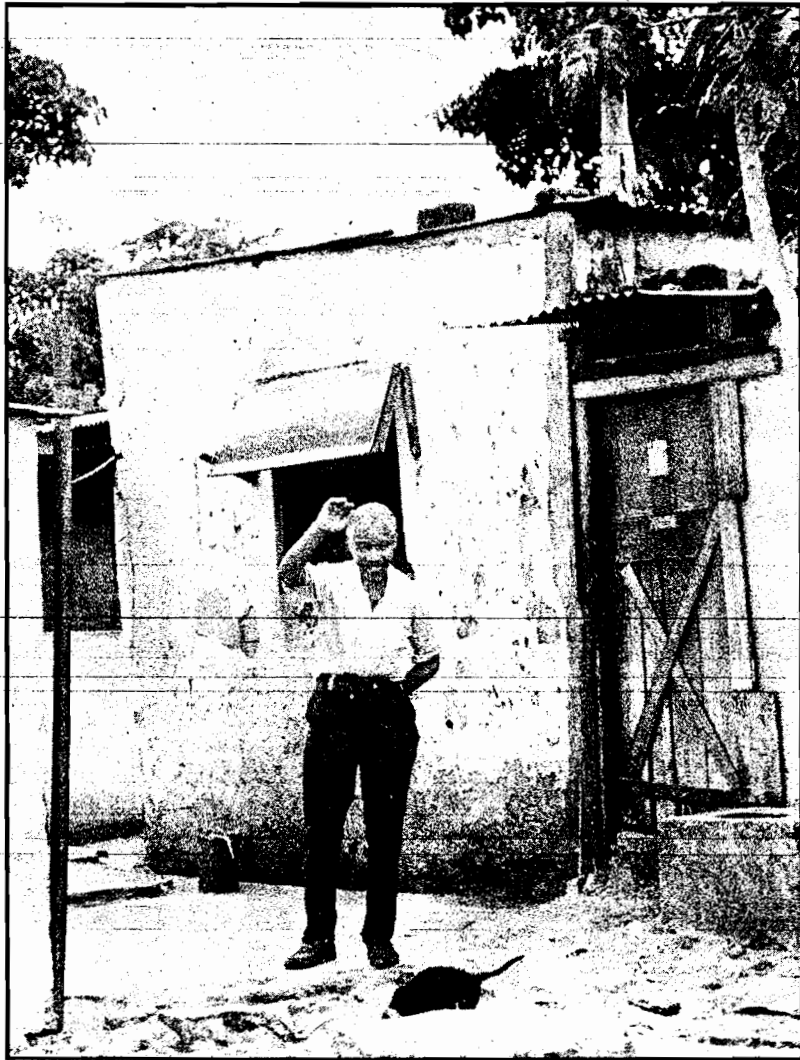
«Sim, Fernando Matos logo que regressou de Portugal procurou-me». Tajú Ambasse prossegue: — «Como o boxe aqui estava quase morto ele pediu-me para eu ver quais as possibilidades de seguir para a África do Sul, para continuar a combater. Para o ajudar, estabeleci contacto com Jack Taju, pugilista moçambicano radicado na África do Sul, para interessar os empresários de Durban. Para isso enviei recortes da imprensa lisboeta sobre F. Matos. Os empresários de Durban, mostram-se interessados e escrevem a dizer que Matos pode vir e que, entretanto, já tinham estabelecido uma série de combates a realizar».

«Matos partiu para Durban, penso que sem a documentação completa e nunca mais o vi até ao dia em que me apareceu aqui em casa, com a cara deformada, completamente «reventado» e doente». Tajú Ambasse continuou — «Perguntei-lhe o que se passou desde que partira para Durban e ele contou que, quando chegou, os empresários lançaram grande publicidade nos jornais anunciando um combate entre um Campeão de Portugal de meios pesados. Tudo isto, claro, para atrair público às bilheteiras. Esse combate seria contra o campeão (negro) sul-africano da associação bantú».

Entretanto, facultam-lhe alojamento num hotel e instalações desportivas para treinos e preparação, para o encontro. Quatro dias antes do anunciado combate apareceu no hotel a polícia de imigração sul-africana a perguntar-lhe pelo «Permit» (autorização de

acompanhada pelo empresário sul-africano, retira Matos da cadeia. Matos sai directamente da cela para enfrentar o «boxeur» sul-africano, perfeitamente em forma e disposto a defender o seu título. Fernando Matos, honestamente, quis cumprir a sua palavra, mesmo sabendo que não estava em condições, e, corajosamente enfrentou o adversário perfeitamente consciente da sua inferioridade física».

E assim foi. Num combate marcado para 10 rounds, ainda combateu absolutamente lúcido durante os primeiros três assaltos. A partir do 4.º e 5.º já não foi um combate mas



Matos saudou-nos quando nos viemos embora. Sem dar por isso, ele está a saudar do mesmo modo e gesto que fazia no «ringue»: só lhe falta a luva na mão direita

entrada no País). Matos não possuía tal documento e foi imediatamente levado e encarcerado. Permaneceu na cadeia, mal alimentado, deprimido e sem possibilidade alguma de preparar-se.

Passados quatro dias, uma hora antes do combate com o campeão do Natal, a polícia,



Larsen em 1936, ainda em Moçambique

sim, um massacre a um adversário que já não possuía um mínimo de reflexos.

No final do combate, Matos foi transportado semi-inconsciente, para o carro celular e atirado para o vagão de um comboio de mercadorias que o levou até Komatiport e daí até «Lourenço Marques», sem ter recebido um centavo pelo seu contrato com os promotores de boxe de Durban. Assim termina a carreira pugilística de Fernando Matos.

As perturbações mentais começam a agravar-se e os amigos tentam ajudá-lo, conseguem-lhe um emprego, a certa altura o Grupo Desportivo concede-lhe uma pequena mensalidade. Agora vive do que os poucos amigos e admiradores daquele tempo lhe dão, pois não consegue exercer nenhuma actividade profissional.

Hoje está transformado num verdadeiro farrapo humano, e é impressionante vê-lo, desembocando da sua Mafalala, arrastando-se pelas ruas da cidade, sempre só, de cabeça baixa e de cesto ou balde de água na mão.

Com Xangai, também ex-



Tajú Ambasse: — «Matos ainda queria combater...»



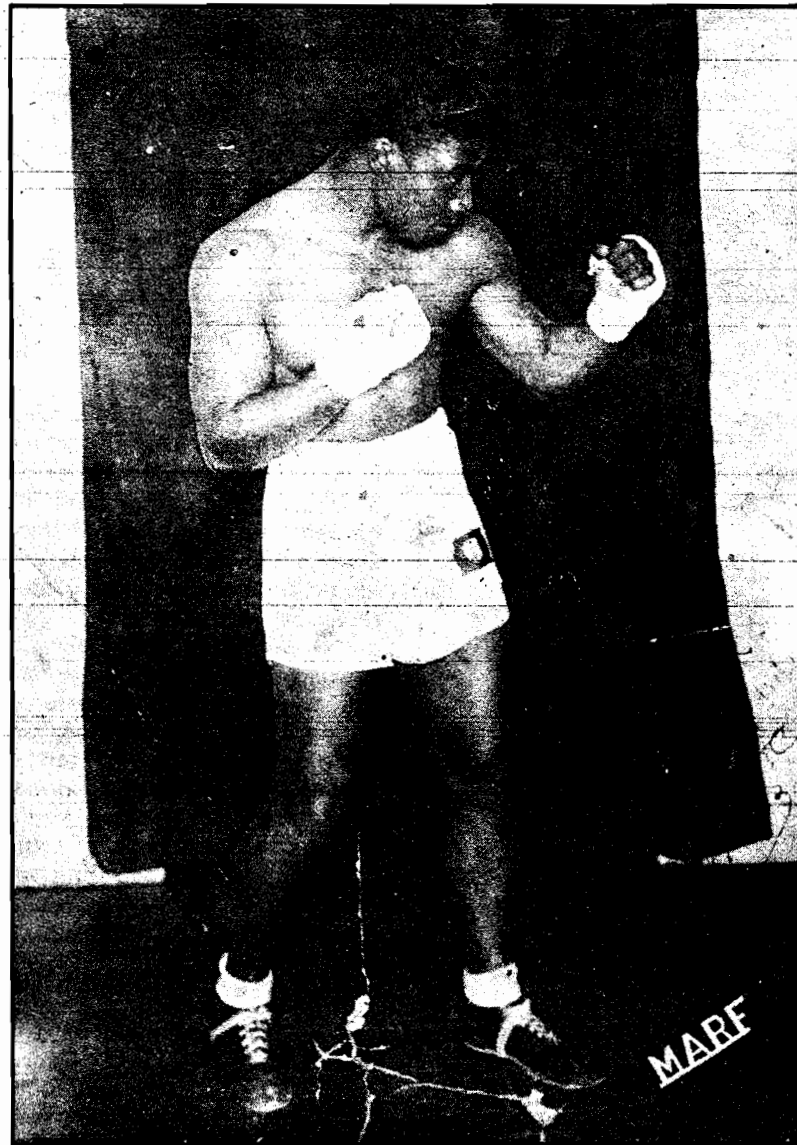
Luís Eugénio Tang-Sing (Xangai) numa posse de cartaz em 1936



Beny Levy (1936), o primeiro campeão moçambicano. As suas fulgurantes arremetidas eram a base das suas constantes vitórias. Adversário que fosse encostado às cordas, estava perdido

plorado, isto não aconteceu. Já era um operário quando abraçou a carreira de boxeur, nos fins dos anos 30 mas nunca esqueceu a sua origem de classe e é isso que o mantém digno na sua terra, inserido na sociedade, cheio de recordações mas não derrotado.

Matos é o testemunho vivo do que é o desporto no sentido de exploração do homem, reduzido à mera condição de coisa. Enquanto possui vigor físico tem tudo o que quer no presente mas o seu futuro nunca está assegurado. Só enquanto estiver em forma. Ele garante, sim, o futuro dos seus exploradores.



Outra imagem de 1943. Uma «pose» para os admiradores

domingo, 6 de Junho de 1982